

CARREIRA E PSICANÁLISE NA CONTEMPORANEIDADE

CAREER AND PSYCHOANALYSIS IN CONTEMPORANEITY

Fernando José Assi de Carvalho 1

Maria Auxiliadora Ávila 2

Ariovaldo Francisco da Silva 3

Resumo: Este artigo integra uma abordagem no desenvolvimento de uma pesquisa de mestrado e objetiva compreender como os conceitos de carreira e psicanálise se relacionam na contemporaneidade. Reflete como o sujeito é afetado na construção identitária e no direcionamento das pulsões ao trabalho. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, através de uma revisão de literatura sobre o tema. A relevância dessa reflexão encontra-se na premissa de que relações de trabalho ajudam a compreender como configuram-se os sujeitos e suas relações sociais, assim como a psicanálise contribui nessa compreensão e nas influências que o trabalho exerce no sujeito. Trabalhar constitui fonte de satisfação e gozo, é um dos elementos da vida que prende os sujeitos à realidade e concede um lugar no mundo, mas pode ser fonte de sofrimento. Concluiu-se que produtividade e performance são importantes na contemporaneidade, porém, trabalho não se limita a isso, e que é necessário espaço para ressignificar esses conceitos.

Palavras-chave: Carreira. Contemporaneidade. Psicanálise. Trabalho.

Abstract: This article integrates an approach in the development of a master's research and aims to understand how the concepts of career and psychoanalysis are related in contemporary times. It reflects how the subject is affected in the construction of identity and in the direction of impulses to work. It is bibliographic research through a literature review on the subject. The relevance of this reflection lies in the premise that work relationships help to understand how subject and their social relationships are configured, just as psychoanalysis contributes to this understanding and the influences that work exerts on the subject. Working is a source of satisfaction and enjoyment, it is one of the elements of life that holds individuals to reality and grants them a place in the world, but it can be a source of suffering. It was concluded that productivity and performance in contemporary times are legitimate, but work is not limited to that and spaces for other meanings are necessary.

Keywords: Career. Contemporaneity. Psychoanalysis. Work.

- 1 Mestrando em Gestão e Desenvolvimento Regional pelo Centro Universitário do Sul de Minas - UNIS, Psicanalista Clínico pela Associação Mineira de Psicanálise Contemporânea, Especialista em Gestão Executiva de Negócios pela PUC-MG e Controladoria e Finanças pela Universidade Federal de São João Del Rei, Bacharel em Administração pela Universidade Federal de São João Del Rei. Professor Visitante no Centro Universitário do Sul de Minas - UNIS. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0967-6950>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6475981162099182>. E-mail: fernando.carvalho@alunos.unis.edu.br
- 2 Doutora em Educação: Psicologia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP. Docente/Pesquisadora no Mestrado em Gestão e Desenvolvimento Regional do Centro Universitário do Sul de Minas – UNIS. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4670-4735>. CV Lattes <http://lattes.cnpq.br/1121250347999409>. E-mail: maria.avila@professor.unis.edu.br
- 3 Doutor em Educação pela Universidade São Francisco – USF, Mestrado em Letras: Linguagem, Cultura e Discurso - Universidade do Vale do Rio Verde - UNINCOR – MG, Especialização Lato-Sensu Docência na Educação a Distância no Centro Universitário do Sul de Minas – UNIS/MG, Licenciatura em Filosofia na Pontifícia Universidade Católica de Campinas/SP. Secretário Geral do Centro Universitário do Sul de Minas - UNIS-MG e do Grupo Educacional UNIS. Docente nos cursos de graduação e no Mestrado em Gestão e Desenvolvimento Regional no Centro Universitário do Sul de Minas –Unis/MG. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4582-1913>. CV Lattes: <https://lattes.cnpq.br/7632740026678426>. E-mail: ari@unis.edu.br

Introdução

A relação entre sujeito e trabalho é resultante da significação individual e das características que esse campo assume em diferentes momentos na sociedade. Freud (1930–1936/2010) afirma que o trabalho é um dos elementos da vida que prende, firmemente, os sujeitos à realidade e os permite identificar seu pertencimento ao mundo e à sociedade. Portanto, segundo Concolato, Oltramari e Santos Filho (2016), é de fundamental importância compreender o homem em relação à sua atividade profissional, os laços existentes entre os sujeitos nesse âmbito e os impactos da contemporaneidade nesses espaços.

Para essa compreensão, não se buscou relacionar o arcabouço teórico psicanalítico aos conceitos de carreira como forma de transformar a psicanálise em uma ferramenta de gestão, assim como a não instrumentalização da individualidade e da subjetividade do sujeito, tampouco aliá-la às formas de potencialização e produtividade no campo do trabalho. O que se pretendeu foi, a partir da Teoria Psicanalítica, a contribuição de seus conceitos para a compreensão do sujeito, constituído de desejos e pulsões, no campo profissional. Nesse sentido, Guimarães (2014) aponta que é importante entender que a carreira está ligada, inicialmente, aos processos primários da infância. Da mesma forma, a construção do sujeito é compreendida pela teoria psicanalítica, com base nesses mesmos processos infantis.

Este artigo propõe, portanto, reflexão sobre o que a psicanálise pode contribuir para o entendimento da carreira dos sujeitos na contemporaneidade. Qual o ponto de encontro entre os conceitos de carreira e psicanálise? Qual o diálogo possível entre esses conceitos? Como a teoria psicanalítica contribui para a compreensão da carreira no sujeito contemporâneo? Para conseguir responder as questões desses objetivos propostos, desenvolveram-se os seguintes eixos de análise: a) como se relacionam os conceitos de carreira profissional com os pressupostos da teoria psicanalítica? b) Como o cenário contemporâneo tem afetado o sujeito profissional em relação à sua construção identitária e ao direcionamento de suas pulsões às relações de trabalho à luz da psicanálise?

Conforme observa Guimarães (2014), a inserção da psicanálise nos estudos organizacionais, ainda, é recente e enfrenta enormes desafios. Primeiramente, o estudo desse campo do saber exige um longo processo de formação, que o pesquisador em organizações precisa somar ao que já tem. Segundo a autora, a aproximação entre psicanálise, organizações e gestão costuma gerar preconceitos por parte daqueles que acreditam não ser de interesse da área esse tipo de discussão. Isso porque, na maioria das vezes, o potencial da psicanálise é desconhecido para a compreensão dos fenômenos sociais e para a transformação das atitudes das pessoas e dos grupos perante a própria realidade.

A justificativa para esse encontro entre a psicanálise e o campo do trabalho e da carreira está na premissa de que essas relações servem para contextualizar e apresentar como ocorrem as configurações entre o sujeito e as relações humanas na atualidade, assim como o arcabouço psicanalítico propõe fundamentos que auxiliam a compreensão do funcionamento psíquico e os impactos que a atividade profissional impõe nesse campo.

A discussão apresentada neste artigo originou-se com base na revisão de literatura para o desenvolvimento de uma dissertação de mestrado, a qual tem como escopo a compreensão de como a alta liderança de organizações de médio e grande porte da região sul do estado de Minas Gerais significam suas experiências de liderança nas narrativas de suas trajetórias de vida no contexto da contemporaneidade.

A metodologia utilizada para a construção deste artigo foi a pesquisa bibliográfica, por meio de uma revisão da literatura sobre o tema abordado. Utilizaram-se livros do acervo pessoal do pesquisador e artigos, teses e dissertações acessados na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, e no Portal de periódicos CAPES. Os descritores utilizados e interrelacionados para consulta foram: psicanálise, carreira, trabalho, trajetória, contemporaneidade, neoliberalismo, experiência, sujeito contemporâneo.

Trabalho, carreira profissional e psicanálise

Para Bauman (2001), o vocábulo “trabalho” (*labour*), no sentido de um esforço físico destinado a atender às necessidades materiais da sociedade, foi registrado, pela primeira vez, em 1776. Ao longo do tempo, devido ao desenvolvimento do sistema capitalista e às mudanças sociais em curso, o conceito de trabalho passou a adquirir novas conotações e significados.

Ferreira e Dutra (2013) observam que, a partir da década de 1980 (assim como aconteceu no início do século XX), houve um retorno das discussões sobre trajetória profissional e carreira, causado por significativas mudanças estruturais nos campos: social, político, tecnológico e econômico. Tais fatos demandaram dos sujeitos que desempenham suas atividades profissionais uma nova forma de observar suas carreiras e a relação com as novas organizações.

Carreira, em uma perspectiva psicológica, segundo Bacelar, Campos e Cappelle (2021), engloba as experiências vivenciadas pelos sujeitos a medida em que suas próprias trajetórias são desenvolvidas, do surgimento de papéis sociais e do desenvolvimento pessoal. Os autores afirmam, também, que a pesquisa sobre ocupações em estudos organizacionais tem se concentrado mais nas ocupações como atributos estáticos e menos na dinâmica processual do desenvolvimento da carreira. Compreender a carreira de um indivíduo com base em uma perspectiva processual envolve compreender suas trajetórias e dinâmicas de trabalho que se desenvolvem e afetam as dimensões individuais ao longo da vida.

Conforme Anjos (2019), a inserção no meio profissional, a escolha de uma carreira (quando há de fato a possibilidade de uma escolha) e a realização de um ofício constituem formas fundamentais de entrada e permanência na comunidade. O autor afirma que não trabalhar tende a colocar o indivíduo em oposição aos demais membros da sociedade. Isso também se aplica, em alguma medida, a indivíduos que escolhem formas de trabalho alternativas ao modelo capitalista empresarial tradicional, muitas vezes sendo criticados. Enfim, não se trata, apenas, da inserção ou não no mercado de trabalho, mas da maneira pela qual esse processo ocorre. E espera-se, ainda, que o sujeito se posicione de forma competitiva.

Nesse sentido de pertencimento social, Freud (1920–1923/2013) expõe que o fato de o sujeito abandonar sua peculiaridade em meio aos membros de uma sociedade implica que estes o sugestionem, e que aquele age dessa maneira porque precisa estar de acordo e não em oposição aos demais, talvez por amor a eles.

Freud (1930–1936/2010), afirma que a civilização quer unir também libidinalmente os membros da comunidade. Favorece meios e caminhos para estabelecer identificações entre eles, fortalecendo os vínculos comunitários através de relações de amizade. Os sujeitos acham-se ligados pelo trabalho e os interesses em comum. Sentimentos que auxiliam os sujeitos a formarem grupos compostos de afetos. O campo do trabalho simboliza uma via importante para o desenvolvimento desses grupos. Sabendo que o homem não possui uma quantidade infinita de energia psíquica, ele deve realizar suas tarefas por meio de uma distribuição adequada da libido. Com isso, apresenta a relação entre sujeito e trabalho designando ser um elemento que fixa o sujeito, firmemente, à realidade e o insere de forma segura numa parte da realidade na sociedade.

Guimarães (2014) afirma que a carreira pode ser compreendida como uma possibilidade de realização dos desejos do sujeito (conscientes e inconscientes). Nas análises de sua pesquisa com executivos, por exemplo, foi possível perceber a ponte entre as histórias e as carreiras, e o modo como esse caminho possibilitou que os executivos investissem suas libidos e construíssem um sentido para suas escolhas.

O termo “libido” está intimamente relacionado ao conceito de pulsão. Laplanche (2016) define pulsão como um dinâmico processo que compreende uma carga enérgica ou fator de motricidade que um organismo tende em direção a um objetivo. É em objetos que a pulsão pode atingir sua meta de suprimir o estado de tensão desejado (fonte de excitação). Nesse sentido, Concolato, Ultramari e Santos Filho (2016) pontuam que, por meio do trabalho (como objeto), o sujeito pode identificar uma destinação sublimatória para as suas pulsões, transformando-o em fonte de prazer pessoal e restrito, em uma força direcionada às atividades coletivas valorizadas socialmente. Porém, para isso ser possível, é preciso que o sujeito tenha uma forte ligação com sua atividade laboral, e que tenha um significado especial para ele.

Laplanche (2016) aponta que não é possível apresentar uma completa definição de libido. Com os diferentes momentos do desenvolvimento da Teoria das Pulsões, a Teoria da Libido evoluiu e o conceito está longe de receber uma única definição. Porém, *libidus* em latim significa vontade, desejo. Na psicanálise caracteriza-se como uma energia, deslocada a objetos em busca de satisfação e excitação. Diante disso, é possível afirmar que a carreira, no cenário contemporâneo, é objeto de deslocamento de libido pelo sujeito, em busca de gozo e satisfação.

Concolato, Oltramari e Santos Filho (2016) compreendem o trabalho como um fator que lida com a energia mental, que pode ser um propulsor para uma atividade mental bem elaborada e significativa. Para os autores, quando isso ocorre, trabalhar contribui para o enriquecimento do psiquismo. Por outro lado, pode ser fonte de sofrimento e de adoecimento. De qualquer forma, enriquecendo ou adoecendo, a atividade profissional e as interações nesse ambiente impactam a subjetividade do sujeito pulsional.

Ferreira e Dutra (2013) apontam que cada pessoa entende sucesso com base em sua definição pessoal e isso pode estar associado à conjunção de três categorias: sucesso na carreira associado à capacidade cognitiva; como um conjunto de aptidões e como resultado de uma combinação de aptidões, gerando a diferenciação.

Anjos (2019), em seu estudo com atletas profissionais, aponta que não é raro, na cultura, que um indivíduo inicie uma fala se apresentando para alguém nomeando sua profissão. O autor observa que diversos sobrenomes em vários idiomas têm suas origens em profissões ou ofícios. No âmbito esportivo, esporte, especificamente, essa tendência ocorre de forma acentuada, em que o reconhecimento do atleta não se restringe à sua performance na prática esportiva, mas é determinado pelo sucesso obtido na modalidade em que atua, bem como pela percepção de sua dedicação.

Nesse sentido, lança-se a pergunta realizada por Roudinesco (2000) em uma de suas obras: “por que a psicanálise?”. Segundo Laplanche (2016), a psicanálise pode ser definida como um método investigativo que consiste, principalmente, em destacar o significado inconsciente da fala, comportamento ou produtos imaginários de um sujeito. Sugere-se, então, outro questionamento: por que não a psicanálise? Por que não referenciar os pressupostos psicanalíticos para a compreensão do sujeito contemporâneo em sua trajetória profissional?

Conforme Roudinesco (2000), a psicanálise, ao enfatizar significantes como: sexualidade, inconsciente e morte no cerne da psique humana, parece estar ainda mais vulnerável às críticas atuais, uma vez que a abordagem é valorizada por sua singularidade em relação a outras experiências subjetivas.

A autora, também, assevera que a sociedade, inserida no movimento de uma economia globalizada, que transforma os sujeitos em objetos, não quer mais ouvir expressões como: culpa, sentido íntimo, consciência, desejo e inconsciente. Quanto mais reforça a lógica narcísica, mais distante fica da ideia de subjetividade.

Segundo Gomez, Chatelard e Araújo (2021), a origem da psicanálise retoma o início do século XX como uma disciplina, a qual deu um novo entendimento ao sofrimento e aos sintomas dos sujeitos, trazendo sofrimento e sintoma como mensagens a ser decifradas. Porém, segundo as autoras, mais do que isso, a psicanálise inaugurou um método para estudar a psique, e foi além de suas próprias expectativas, tornando-se uma teoria que observa a cultura e uma forma de teorizar aquilo que fornece fatores e elementos para pensar sobre as conexões sociais. As autoras afirmam que as elaborações na psicanálise trazem especificidades sobre a infância que passam a refletir no modo como os psicanalistas escutam os relatos dos pacientes.

Borges e Ribeiro (2013) refletem que as raízes da psicanálise, fundada por Freud, estão na história do homem contemporâneo e no seu campo de ação. As autoras pontuam que esse método de observação é fundamentado por uma ética relevante atualmente, ao menos referente ao campo laciano, prática que sugere não fugir dos pressupostos freudianos ao repensar seus conceitos à luz da experiência clínica.

De acordo, ainda, com Borges e Ribeiro (2013), diferentemente da psicologia, que tem como objetivo a busca de cura da saúde e do bem-estar, baseando-se na escuta e compreensão da consciência, a psicanálise desloca esse lugar de verdade do sujeito, concentrando-se no inconsciente — o qual é caracterizado pelo desconhecimento e pela

ignorância e somente pode ser acessado por meio de suas manifestações, tais como sintomas, chistes, atos falhos e sonhos. A perspectiva psicanalítica não concebe o sujeito de maneira autônoma e autoconsciente, mas como um ser dividido e contraditório. A ética da psicanálise fundamenta-se, nesse sentido, na ética do desejo, a qual faz parte de um campo inconsciente.

Guimarães (2014), em sua pesquisa com executivos organizacionais, observa que, em todos os casos pesquisados, foi possível perceber um ponto importante nos percursos escolhidos pelos executivos: da mesma forma que o trabalho é um veículo das possibilidades de investimento libidinal, a organização, com base nas exigências intermináveis de alto desempenho, distancia a possibilidade de realização completa. A partir dessa afirmação, é possível refletir sobre o campo do desejo. Se tomado por referência, o conceito de montagem perversa, a organização constitui um lugar para calá-lo. Segundo a pesquisadora, para que aconteça esse silenciamento, é necessário que haja uma troca: enquanto a organização oferece um lugar para dar vazão às pulsões; ela, também, exige que os executivos exerçam um papel na instrumentalidade, reprimindo, assim, o campo do desejo.

“É fato que o indivíduo, quando é impelido pela organização a reprimir seus desejos, sofre” (DUARTE, CASTRO e HASHIMOTO, 2006, p.6). Esse sofrimento também é causado por condições precarizadas no campo do trabalho e pressão das estruturas organizacionais. Por outro lado, para esses autores, o sofrimento nem sempre prejudica a saúde mental e física do sujeito em sua atividade profissional. Também pode representar a maneira como o sujeito ressignifica seu trabalho por meio da sublimação. Se o sujeito for levado a resolver problemas na organização, ele tem a oportunidade de obter reconhecimento social pelo seu trabalho, podendo controlar sua angústia e de alguma forma controlar seu sofrimento.

Sublimação, portanto, é outro termo que emerge para que seja possível a compreensão do sujeito no trabalho. Laplanche (2016) define que sublimação, segundo preceitos freudianos, consiste no processo que explica a atividade humana sem uma ligação óbvia com a sexualidade, mas cujo elemento propulsor é a força do desejo sexual. É possível afirmar que a pulsão é sublimada quando é direcionada para um outro objetivo não sexual e que estes sejam objetos socialmente valorizados. Portanto, o trabalho insere-se nessa dinâmica como objeto receptor de energia libidinal por parte do sujeito, com a finalidade de prazer e satisfação dos seus desejos pulsionais.

Segundo Nasio (1997), a sublimação é o conceito psicanalítico mais apropriado para explicar a produção de obras realizadas pelos seres humanos, tais como realizações artísticas, científicas e esportivas. Essas atividades são exemplos de como uma força sexual pode ser direcionada para outras finalidades por meio do trabalho, sem necessariamente ter uma conexão direta com a sexualidade. O autor ainda destaca que as estruturas subjacentes ao processo de sublimação são pulsionalmente sexuais e que, conseqüentemente, a produção resultante é não sexual, estando em conformidade com os ideais mais prevalentes em uma determinada época.

Guimarães (2014, p.35) aponta que: “o prazer do sujeito no trabalho é resultado da descarga de energia psíquica promovida pela satisfação”. Portanto, prazer e equilíbrio são resultados do processo psicanalítico, em que ocorre essa descarga de energia. Contudo, em contrapartida, essa energia pode ser acumulada, resultando em desprazer, fadiga e ansiedade caso haja repressão desta ou caso não seja liberada de forma adequada.

Segundo Concolatto, Oltramari e Santos Filho (2016), pesquisadores e gestores da questão humana em organizações focam no processo de trabalho, exigindo dos sujeitos uma adaptação para evitar o sofrimento, pois a gestão é responsável por analisar o processo de trabalho e pode estar mais interessada na otimização e racionalização de tal processo. Por isso, para aqueles que desenvolvem atividades intimamente ligadas à subjetividade humana, é fundamental atenção às ferramentas de pensamento para refletirem sobre as conseqüências, sentidos e efeitos do trabalho na vida humana.

Dejours (2015) sugere intervir, não para eliminar o sofrimento, mas para criar condições para que os sujeitos, no campo do trabalho, possam gerenciar seu sofrimento para sua própria saúde e produtividade. Assim, o sujeito, sob o prisma psicanalítico, tem a liberdade e oportunidade de voltar o olhar para si mesmo, para as suas necessidades físicas e psicológicas.

A construção identitária do sujeito pulsional e a direção de suas pulsões nas relações de trabalho contemporâneas

Para iniciar essa reflexão, é fundamental apresentar o conceito do termo “contemporâneo”. Em sua significação literal, se refere ao momento atual; portanto, contextualizar tal reflexão à contemporaneidade significa observar características e fatores sociais que influenciam, direta e indiretamente, as significações que os sujeitos fazem de sua existência. Conforme Guimarães (2014), não se tem intenção de levantar polêmica sobre o significado ontológico dos termos: moderno, pós-moderno, hipermoderno ou modernidade tardia, especialmente porque o emprego destes não encontra um consenso entre os próprios pensadores. Porém, contextualizar é observar o ambiente, é buscar entender como as vidas dos sujeitos são afetadas pelo campo social, como as relações de trabalho são afetadas por mudanças e pressões e que efeitos tem na vida do sujeito, na sua subjetividade e na sua saúde mental.

Segundo Safatle, Silva Junior e Dunker (2019, p.7), “uma sociedade pode ser analisada como um sistema de normas, valores e regras que estruturam formas de ação e julgamento em suas aspirações de validade”. Bauman (2007) observa que a perfuração e a quebra de fronteiras designadas como globalização permitiram maior abertura às sociedades, com poucas exceções. Abertas nos sentidos intelectual e material. O sociólogo reforça que, se a ideia de “sociedade aberta” era fundamentalmente alinhada com a ideia de uma sociedade livre que esperava essa abertura, agora traz à mente dos sujeitos nela inseridos uma experiência “aterrorizante de uma população heterônoma, infeliz e vulnerável, confrontada e possivelmente sobrepujada por forças que não controla e nem entende totalmente” (p.13).

Segundo Bauman (1999), para abrir caminho nesse cenário denso e desregulamentado da competitividade global e chegar ao centro da atenção pública, os bens e serviços devem despertar desejo, portanto devem seduzir os consumidores e afastar seus competidores. O sociólogo completa que, ao conseguirem, devem rapidamente abrir espaço para outros objetos de desejo. Ou seja, observa-se, nessa sociedade contemporânea, uma forte obsolescência programada dos bens e serviços, muitas vezes definindo as identidades dos sujeitos com base no que consomem e no que acumulam.

Roudinesco (2000) observa que tal sociedade se interessa pelo sujeito para contabilizar seus sucessos e objetiva classificar o sujeito sofredor como uma vítima. Concolato, Oltramari e Santos Filho (2016) afirmam que é esperado do trabalhador atual que seja produtivo e eficiente. O trabalho requer tarefas e atividades, pois é o objetivo legítimo o alcance de resultados. No entanto, segundo os autores, há riscos em reduzir o trabalho a resultados e minimizar suas consequências com questionamentos como: “o mundo está sempre mudando e nós nos moldamos”, sem poder abrir espaços para reflexão. O que tal situação significa para o sujeito? Como isso afeta sua vida e quais são as consequências?

Segundo Bauman (2001), condições econômicas e sociais incertas ensinam homens e mulheres a ver o mundo como um recipiente cheio de itens descartáveis para uso único, incluindo outras pessoas. Segundo o sociólogo, em um mundo globalizado, em que o futuro é incerto, sombrio e cheio de perigos e riscos, traçar objetivos de longo prazo e a abstenção do interesse pessoal para aumentar o poder coletivo, sacrificando o presente pela felicidade futura, não são propostas atrativas.

“Tem-se hoje, na sociedade contemporânea, um dito mandado à felicidade, um dever de ter saúde e bom humor sempre” (BORGES e RIBEIRO, 2013, p.22). Todos devem permanecer sempre felizes e de bom humor em relação à vida e ao trabalho e, principalmente, prontos para o consumo. Segundo as autoras, alegria, prazer e satisfação não são vendidos em bens de consumo e *gadgets*, mas em pílulas milagrosas da felicidade reguladoras da serotonina.

Segundo observa Roudinesco (2000), a psicofarmacologia inseriu o sujeito em uma nova alienação, pretendendo curá-lo da natureza da condição humana. A autora, ainda, afirma que quanto mais pílulas que podem interromper os sintomas, mudar a personalidade ou prometem acabar com o sofrimento mental, mais o sujeito recorre a tratamentos físicos ou mágicos.

Borges e Ribeiro (2013) argumentam que o trabalho, tal como existe na sociedade atual,

é sem alma, sem sentido, valoriza a ação em detrimento do pensamento e é individualista em detrimento do coletivo. Essas autoras também afirmam que o trabalho promove a alienação do sujeito com uma falsa imagem de autorrealização, ganhos financeiros e sucesso. E que a gestão é perversa quando privilegia uma visão de mundo em que as pessoas se tornam ativos patrimoniais a serviço da empresa.

Segundo Concolatto, Oltramari e Santos Filho (2016), a constante tensão e conflito de interesses entre o bem-estar dos trabalhadores e os lucros dos investidores faz parte do tecido social das sociedades controladas pelo capital. Os sujeitos vivem todo o tempo conflitados por essa tensão e, diante disso, corre-se o risco de adotar posicionamentos extremados. Segundo os autores, uma delas é o pragmatismo adaptativo positivista que “reduz todas as possibilidades a baixar a cabeça e trabalhar” (p.13), e, por outra perspectiva, aquele que se propõe a investigar o “sentido do trabalho, corre sempre o risco de assumir uma posição romântica e quase ingênua, como se tentasse resgatar algo que é da ordem da utopia, e que se resume ao discurso” (p.13).

Nesse contexto, os sujeitos experimentam um crescente sentimento de desamparo e desconfiança em relação às organizações como locais seguros para canalizarem suas energias pulsionais. Portanto, esses sujeitos não conseguem identificar locais que possam direcionar sua libido e proporcionar satisfação. Apesar disso, ao mesmo tempo, buscam, ativamente, *performances* que os colocam em um posicionamento de trabalhador eficaz e eficiente, que seja capaz de manter seus empregos. A busca frenética pela produtividade torna-se o eixo central do sujeito, aumentando a falta de fronteiras entre o espaço privado, sua individualidade, subjetividade e o espaço de trabalho.

Assim, segundo Concolatto, Oltramari e Santos Filho (2016, p.12), “o que vale é o triunfo individual. O ganhador não quer perder”. Desse modo, surgem novos caminhos de subjetivação, caracterizados pelo autocentramento do sujeito, iniciando e encerrando sobre si mesmo. Nesse sentido, os autores refletem que o sujeito perde parte do espaço coletivo e social, e das possibilidades de fazer frente aos desafios que o trabalho gera, sendo, portanto, uma perda importante dos recursos que apoiam a manutenção da saúde psíquica.

Nessa sociedade contemporânea, os deprimidos são considerados inconvenientes, que não possuem um lugar de importância e relevância, portanto devem recolherem-se, calarem seus discursos (a farmacologia se desenvolve cada vez mais nesse sentido). E não tentarem, com sua frustração e apatia, buscar um posicionamento juntamente aos bem adaptados.

Dejours (2015) argumenta que os trabalhadores atuais não sofrem mais do que os das gerações anteriores, ou seja, o trabalho como tal, sempre foi uma fonte de sofrimento na sociedade capitalista. Segundo o autor, a diferença reside no fato de que, contemporaneamente, trabalhadores e trabalhadoras não possuem mais benefícios sociais do passado. Com o tempo, as estratégias de defesa coletiva, que os ajudavam a carregar o fardo do trabalho, foram drasticamente reduzidas.

Um exemplo disso, apontado por Borges e Ribeiro (2013) é o enfraquecimento dos sindicatos, associações, “além da própria cultura competitiva e individualista, que faz cada um correr como louco atrás do próprio quinhão sem se preocupar com os demais” (p.5). Portanto, o sujeito contemporâneo experimenta sensações de angústia laboral e de dor emocional, decorrentes de sua exclusão e solidão.

Bauman (2001) observa que é característica do passado a busca de empregos seguros em empresas seguras. Não há experiências e habilidades que garantam emprego estável. Ninguém pode se sentir garantido diante da recorrente rodada de redução de tamanho, agilização e racionalização, contra mudanças da demanda e pressão do mercado por produtividade.

Segundo Bauman (2001), “flexibilidade” é uma condição em evidência na contemporaneidade, o que é resultado e consequência de empregos sem direitos, compromissos e segurança, em que há demissão sem aviso prévio, contratos renováveis ou de prazos fixos, e quase nenhum direito à compensação. Segundo o sociólogo, ninguém pode mais sentir-se insubstituível. Nesse sentido, a satisfação instantânea parece ser uma estratégia razoável para o sujeito contemporâneo.

Safatle, Silva Junior e Dunker (2020) afirmam que o conceito de sujeito neoliberal contém elementos de contradição, ambivalência e inflexão, e que é impossível seguir uma linha contínua de desenvolvimento sem interrupções.

Segundo Borges e Ribeiro (2013), em uma sociedade cada vez mais centrada no signifiante

trabalho, é irônico pensar que esse próprio sujeito está sofrendo. A relação dele com seu ofício é sempre única, individual. As autoras defendem que o trabalho pode ocupar diferentes lugares na vida desse sujeito: pode ser objeto de investimento libidinal e ser incluído como sintoma desse sujeito. A depressão (quando relacionada ao trabalho) pode parecer uma espécie de negação ideológica diante do discurso moderno e suas promessas de felicidade, por exemplo, no trabalho.

Por sua vez, para Ferreira e Dutra (2013), a carreira é moldada e interage com a dinâmica de carreira da sociedade e/ou do mercado. Em outras palavras, a pessoa age como sujeito da ação e, portanto, a carreira é condicionada por seus efeitos em um processo de relacionamento constante e intenso.

Concolato, Oltramari e Santos Filho (2016) refletem que não é considerada a subjetividade do trabalhador quando as áreas organizacionais, especialmente a gestão de pessoas, atrelam metas inatingíveis às avaliações de desempenho e retiram dos trabalhadores e trabalhadoras a possibilidade de fazerem seus ofícios com base em sua inteligência, resultando em algo estritamente funcionalista e um modelo gerencial que deve ser seguido.

Consoante Borges e Ribeiro (2013), a existência do grande número dos deprimidos na sociedade constitui um reflexo importante sobre as características da contemporaneidade. Observam que a falta de uma perspectiva mais igualitária da sociedade, o colapso dos ideais revolucionários, o crescimento do desemprego, a competitividade acirrada do mercado de trabalho, paralelamente às necessidades de prazer de nossa sociedade produtora de bugigangas (promessas para satisfazer desejos), podem contribuir para o atual estado de depressão. O sujeito é distraído de seus desejos e ideais.

Essa multiplicação dos deprimidos, principalmente daqueles que adoecem exercendo seu ofício, também é um importante indicativo de que a indústria farmacêutica atua de forma lucrativa e eficiente, e que, além de prometer um paliativo no auxílio da cura das dores anímicas, também define os critérios de diagnóstico que os médicos devem seguir para identificar potenciais pacientes deprimidos, o que, portanto, requer tratamento. Isso leva à reflexão sobre uma espécie de patologização da vida subjetiva. Ou ao questionamento sobre se qualquer sentimento manifestado por meio de dor ou tristeza se caracterizaria como adoecimento psíquico.

Conforme Gomez, Chatelard e Araújo (2021), as atuais configurações sociais, culturais, políticas e econômicas contêm novos vínculos que obrigam o sujeito a se adaptar às tarefas e demandas do trabalho, causando sofrimento patológico. Por outro lado, segundo Concolato, Oltramari e Santos Filho (2016, p.2), “o trabalho ocupa lugar central na vida humana. Trabalhar consolida a identidade, possibilita destino para as mais diversas e potentes demandas pulsionais”. Portanto, proporciona sentimentos de pertencimento e potencializa o desenvolvimento de relações fraternas que sustentam a construção coletiva.

Considerações Finais

Buscou-se, neste artigo, refletir sobre as contribuições da psicanálise em relação à compreensão da carreira e trajetória de vida dos sujeitos na contemporaneidade. Qual o ponto de encontro entre os conceitos de carreira e psicanálise? Qual o diálogo possível entre esses conceitos? Como a psicanálise pode contribuir para a compreensão da carreira do sujeito contemporâneo? Para conseguir responder tais questões, desenvolveram-se os seguintes eixos de análise: a) como se relacionam os conceitos de carreira profissional com os pressupostos da teoria psicanalítica? b) Como o cenário contemporâneo tem afetado o sujeito pulsional em sua construção identitária e no direcionamento de suas pulsões às relações de trabalho à luz da psicanálise?

Por que não referenciar os pressupostos psicanalíticos para a compreensão do sujeito contemporâneo em sua trajetória profissional? A psicanálise, por colocar o inconsciente, a morte e a sexualidade no cerne da psique humana, parece ser, ainda mais, atacada na atualidade por ter conquistado o mundo pela singularidade de uma experiência subjetiva. A sociedade contemporânea, inscrita no movimento de uma globalização econômica, que transforma os homens em objetos, resiste em querer ouvir em culpa, sentido íntimo, consciência, desejo e inconsciente, o que reforça ainda mais a lógica narcísica, mais distante posiciona-se da ideia de subjetividade.

Considera-se que os pressupostos psicanalíticos como inconsciente, desejo, pulsão, libido,

sublimação, pertencimento e tantos outros são objetivamente fundamentais para se compreender o sujeito na contemporaneidade. A aproximação entre psicanálise, organizações e gestão costuma gerar preconceitos por parte daqueles que acreditam não ser de interesse da área esse tipo de discussão. Isso ocorre porque, na maioria das vezes, o potencial da psicanálise é desconhecido para a compreensão dos fenômenos sociais e para a transformação das atitudes das pessoas e dos grupos perante a própria realidade. Para aqueles que desenvolvem atividades relacionadas à subjetividade humana, é de fundamental importância que se atentem às ferramentas de pensamento para refletirem sobre o sentido, e as influências do trabalho na vida humana.

Entre tantas atividades da vida, o trabalho constitui o *locus* onde o sujeito vivencia grande parte de seu tempo. Isso constitui fonte de satisfação especial, de gozo, se for livremente escolhida, por meio da sublimação. É, também, um dos elementos da vida que prende os sujeitos firmemente à realidade e concede um lugar no mundo e na comunidade humana. A atividade profissional desempenhada pelo sujeito produz efeitos na sociedade na qual está inserido. Da mesma maneira, as condições sob as quais um determinado ofício é realizado impacta, direta ou indiretamente, na vida de outras pessoas, sempre de modo significativo.

Ao mesmo tempo, esse campo pode ser fonte de angústia e sofrimento. Pressão por produção, *performance*, alto desempenho, assédio, desemprego, relações precarizadas, incentivo às práticas intensas que estimulam a competitividade, sem considerar a subjetividade dos sujeitos envolvidos, corroem os laços fraternos, conduzindo, muitas vezes, à desumanização.

Ser produtivo, performar, gerar resultados é o que de mais importante se espera do trabalhador. O trabalho requer que isso seja executado, é legítimo que se busque esse resultado. Contudo, é necessário observar que ele não deve se esgotar nisso, e, na contemporaneidade, há riscos em reduzi-lo ao alcance de resultados e à banalização das consequências disso, sem que seja possível a abertura de espaços para pensar o que tal situação significa para o sujeito, como afeta sua vida e suas consequências.

Como forma de intervenção no campo organizacional, não é objetificada a eliminação do sofrimento, mas a implicação em proporcionar a elaboração de condições em que os trabalhadores possam administrar seu próprio sofrimento em benefício de sua saúde e, portanto, de sua produtividade. Assim, do ponto de vista psicanalítico, o sujeito tem a liberdade e a oportunidade de olhar para si mesmo e para suas necessidades físicas e psicológicas.

Finalmente, ao refletir sobre a aproximação dos conceitos de carreira com os pressupostos da psicanálise no presente artigo, ressalta-se a importância de serem desenvolvidos estudos, aproximando, ainda mais, esses conceitos, com a finalidade de compreender o sujeito contemporâneo e suas relações na sociedade.

Referências

ANJOS, Fabio Menezes dos. **Psicanálise e esporte: o mal-estar na carreira de atletas profissionais**. 2019. 125p. Dissertação (mestrado em Psicologia Clínica) – Faculdade de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-27082019-152141/pt-br.php>. Acesso em: 14 out. 2022.

BACELAR, Ananda Silveira; CAMPOS, Alyce Cardoso; CAPPELLE, Mônica Carvalho Alves; CARVALHO, Flaviana Andrade de Pádua; REZENDE, Daniel Carvalho. Carreiras Femininas: uma revisão sistemática sobre trajetórias profissionais. **Revista de Carreiras & Pessoas**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 201-217, 2021. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ReCaPe/article/view/48009>. Acesso em: 19 set. 2022.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: As consequências humanas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos Líquidos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BORGES, Cintia da Silva Lobato; RIBEIRO, Maria Anita Carneiro. A psicanálise, o trabalho e o laço social. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, v. 4, n. 2, p. 19-25, 2013. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/psicologiaufc/article/view/802>. Acesso em: 14 out. 2022.

CONCOLATTO, Claudia Piccolotto; OLTRAMARI, Andrea Poletto; SANTOS FILHO, Francisco Carlos dos. Relações de Trabalho e Psicanálise: um diálogo em aproximação. *In*: IV CONGRESSO BRASILEIRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS, 2016, Porto Alegre, RS. **Anais [...]**. Porto Alegre: IV CBE0, 2016. Disponível em: <https://anaiscbeo.emnuvens.com.br/cbeo/article/view/103/95>. Acesso em: 19 set. 2022.

DEJOURS, Christophe. **A loucura do trabalho**: estudo de psicopatologia do trabalho. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2015.

DUARTE, Daniele Almeida; CASTRO, Mariana Devito; HASHIMOTO, Francisco. Psicologia do trabalho e psicanálise: uma possibilidade de compreensão do sofrimento psíquico. *In*: Encontro de Psicologia de Assis, 2006, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2006. Disponível em: http://www2.assis.unesp.br/encontrosdepsicologia/ANAIS_DO_XIX_ENCONTRO/112_DANIELE_ALMEIDA_DUARTE.pdf. Acesso em: 30 set. 2022.

FERREIRA, Marcos Aurélio de Araujo; DUTRA, Joel Souza. Trajetória de carreira: a pessoa e a carreira em uma visão contextualista. **Revista de Carreiras & Pessoas**, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 38-49, 2013. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ReCaPe/article/view/15437>. Acesso em: 18 out. 2022.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)**. Porto Alegre: L&PM, 2013.

GOMEZ, Victoria Ayelen; CHATELARD, Daniela Scheinkman; ARAUJO, Tereza Cristina Cavalcanti Ferreira de. Clínica do Trabalho: Contribuições da Psicanálise para o Exercício Profissional. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 41, p. 1-12, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/pHh3xX4Px4sBhb9PQyGWnVr/?lang=pt>. Acesso em: 14 out. 2022.

GUIMARÃES, Ludmila de Vasconcelos Machado. **Entre o céu e o inferno**: confissões de executivos no topo da carreira profissional. 2014. 212p. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-9LSPU2>. Acesso em: 14 out. 2022.

LAPLANCHE, Jean. **Vocabulário da Psicanálise** / Laplanche e Pontalis. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes – selo Martins, 2016.

NASIO, Juan-David. **Lições sobre os 7 conceitos cruciais da psicanálise**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

ROUDINESCO, Elisabeth. **Por que a psicanálise?** Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

SAFATLE, Vladimir; SILVA JUNIOR, Nelson da; DUNKER, Christian (Org.). **Patologias do Social**: Arqueologias do sofrimento psíquico. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

SAFATLE, Vladimir; SILVA JUNIOR, Nelson da; DUNKER, Christian (Org.). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.

Recebido em 16 de Janeiro de 2023.

Aceito em 08 de fevereiro de 2023.